

---

## Transição para a vida adulta e habitat: Ruralidade e urbanidade no Noroeste

*Joana Nogueira<sup>1</sup>*

### Resumo

Analisaram-se as pautas de transição para a vida adulta das gerações de jovens em espaços heterogéneos do Noroeste, desde áreas remotas de montanha ao centro urbano de Braga, com base nos últimos três censos, ao nível da freguesia. Constatou-se a existência de significativas variações espaciais nessas pautas, que seguem uma lógica territorial de “urbanidade” e “ruralidade”, num contexto regional em que o habitat rural tem mantido um forte dinamismo demográfico e uma população jovem numerosa. Essas diferenciações reflectem um desfasamento temporal persistente entre o habitat urbano e o rural na difusão de pautas mais modernas de viver a juventude e no tipo de situações económicas e familiares adultas que culminam o processo transitório.

### Abstract

*This paper addresses the transition to adulthood in contrasting socio-spatial contexts, ranging from ‘extreme rural’ to ‘extreme urban’ in the northwest region of Portugal. The geography of differences is analysed, as well as the change trends in the last two decades, using 1981, 1991 and 2001 census data. We found that there are still significant differences between spaces in the vital trajectories of young people, and that such differences match the position of each context in a rural-urban continuum. We also conclude that the patterns of change seem to be very similar in all contexts. The static differences are closely associated with a persistent temporal gap in the diffusion of more modern forms of progressing from childhood to adulthood, as well as in the economic and family roles adopted by young adults.*

### Introdução

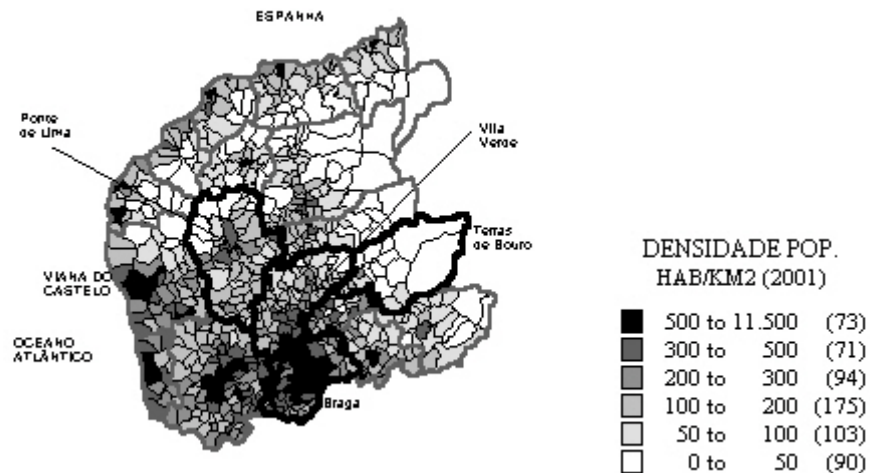
A transição para a vida adulta é um processo que compreende as transições vitais – económicas, familiares e residenciais – por que passam os jovens à medida que vão abandonando a situação de dependência familiar característica da infância e entram em situações típicas da condição adulta (De Zárraga, 1985). A organização desse processo reflecte as configurações objectivas de oportunidades e limites, mas também os valores, normas e atitudes relativos à família, ao trabalho e à juventude que predominam em cada época e contexto. Reflecte também, pela análise da variabilidade das trajectórias numa dada população, os factores mais pertinentes de diferenciação social (Sedas Nunes, 1998). Ou seja, permite captar o modo como o estrato social, o género, o habitat ou outros factores influenciam os percursos biográficos e os destinos dos jovens.

Analisámos as diferenciações dos padrões de transição para a vida adulta em função do tipo de habitat, em quatro concelhos heterogéneos mas contíguos do Noroeste – Braga, Vila Verde, Ponte de Lima e Terras de Bouro (Fig. 1). Nestes concelhos, e com uma desagregação ao nível da freguesia, conseguimos abarcar as situações extremas de habitat no contexto regional. Desde o mais urbano e central ao mais periférico e montanhoso, passando por uma ampla gama de situações intermédias em termos de densidade populacional e de distância a um núcleo urbano.

---

<sup>1</sup> Escola Superior Agrária de Ponte de Lima- IPVC/ Doutoranda na UCM – Madrid/ Bolseira da FCT.

**Fig. 1** – Densidade populacional nas freguesias do Noroeste e localização dos concelhos seleccionados (Fonte: INE, Censos 2001)



Utilizámos os recenseamentos de 1981, 1991 e 2001 como fonte exclusiva de dados, com dados discriminados por idade (grupos quinquenais) e sexo, ao nível da freguesia. Trata-se da única fonte estatística, para as variáveis desejadas e com a desagregação geográfica pretendida. Centrámos a análise no colectivo 15-34 anos. Todo o período juvenil (15-29 anos) mas também os adultos jovens (30-34 anos). Procurámos verificar se o espaço configurou perfis diferenciados nas trajectórias de vida de jovens coetâneos e como é que, ao longo das décadas de 80 e 90, evoluiu a importância do habitat.

### **1. A transição para a vida adulta: Perspectivas teóricas e enquadramento regional**

A modernização reflectiu-se no processo de transição, numa longa fase, por duas grandes tendências: (1) a contracção do período transitório entre a infância a maturidade e (2) uma redução da heterogeneidade nos trajectos biográficos de cada coorte de jovens (Modell *et al.*, 1976; De Zárraga, 1985; Wallace e Kovatcheva, 1998; Furstenberg, 2000). Comparativamente às sociedades tradicionais, a infância tornou-se mais longa. A saída da escola e a inserção na actividade económica passaram a dar-se cada vez mais tarde. Mas por outro lado, os jovens passaram a transitar mais cedo para situações familiares, económicas e residenciais típicas da maturidade. Ou seja, uma vez terminados os seus trajectos formativos, o acesso à emancipação familiar tornou-se mais rápido. Esta aceleração da autonomização ocorreu em paralelo com uma maior uniformidade nas trajectórias biográficas dos jovens. As transições juvenis tornaram-se mais universais e as idades de ocorrência de cada transição menos variáveis. Mais jovens tiveram acesso à escola, mas também a um emprego remunerado, ao casamento e a uma casa própria.

Mais recentemente, no enquadramento do que Beck (1998) designa por modernidade tardia, as trajectórias juvenis revelam novas tendências de mudança. O período de transição volta a alongar-se e cresce também a diversidade nas trajectórias. O moderno passa a ser tradicional, no sentido de que começa a ser substituído por outras práticas. Os jovens contemporâneos já não assumem os papéis adultos “tradicionais” do modo célere e uniforme que caracterizou as gerações das décadas de 60 e 70. Uma das grandes transformações dá-se ao nível dos trajectos femininos, construída desde logo numa socialização mais igualitária entre rapazes e raparigas. Rompe-se com o modelo de exclusividade masculina no sustento familiar e de dependência económica das mulheres que assumem o papel de esposas e mães. A maior igualdade de género nos trajectos profissionais, uma estabilização familiar mais tardia e uma menor fecundidade parecem ser os traços mais marcantes deste novo modelo.

Nesta nova etapa de alongamento do período transitório emergem dois grandes cenários no espaço europeu. Um no noroeste europeu, em que os jovens continuam a sair cedo da casa paterna, e em que o adiamento do casamento não é incompatível com um acesso precoce à vida conjugal, sob a forma de uniões informais, e a níveis elevados de autonomia económica e pessoal (Iacovou, 2001; Billari y Wilson, 2001). Nos países do sul europeu o alongamento da juventude tem passado por uma permanência mais longa dos jovens solteiros na casa paterna, mantendo-se maioritariamente o modelo de transição directa para famílias próprias dentro do casamento convencional (De Zárraga, 1986; Iacovou, 2001; Billari y Wilson, 2001; Vasconcelos, 2003). Esta aparente resistência mediterrânea à inovação dos comportamentos juvenis, principalmente ao nível da família, esconde mudanças substanciais. Um investimento fortíssimo na escolarização dos jovens, mais acentuado no género feminino, uma expansão rápida da inserção profissional das mulheres e uma contracção muitíssimo forte fecundidade<sup>2</sup> (Kohler *et al*, 2001; Figueiredo *et al*, 1999).

Existem explicações alternativas para a originalidade do actual modelo mediterrâneo de transição para a vida adulta. Mas há um consenso quanto ao facto de se estar a produzir, à semelhança do que se passa no noroeste europeu, um afastamento do modelo que se consolidou até à década de 70. A dilatação da permanência dos jovens na casa paterna, o prolongamento da vida estudantil, o adiamento do casamento, a integração feminina no mercado de trabalho e os baixos níveis de fecundidade, *tomados em conjunto*, constituem assim a versão mediterrânea das trajectórias juvenis na modernidade tardia.

Que se passa então no Noroeste português? É nas décadas de 50 e 60 que se reconhece que, pela primeira vez, as dinâmicas de desenvolvimento no nosso país foram suficientemente fortes para integrar num mesmo processo de mudança todos os espaços sociais do território nacional (Villaverde Cabral, 1996). Mas fica ainda a questão de saber como é que cada espaço concreto se articulou com esses processos mais amplos de modernização. O Noroeste tem sido referenciado, sob diversas perspectivas, como uma região tardia nos seus processos de modernização e desenvolvimento. Essa lentidão detecta-se também nas mudanças nos trajectos vitais dos jovens.

Foi tardio na diminuição da fecundidade (Bandeira, 1996), na dissolução do sistema tradicional de regulação demográfica assente nas restrições matrimoniais femininas (casamento tardio e elevado celibato feminino definitivo) e na emigração masculina (Rowland, 1998 e Bandeira, 1996). A princípios da década de 90 evidenciava ainda uma forte adesão aos modelos tradicionais de família - proporções muito altas de casamentos religiosos, valores baixos de nascimentos fora do casamento e uma alta proporção das famílias complexas (Nunes de Almeida, *et al*, 1998).

Ao nível económico e referindo-se às décadas de 70 e 80, Medeiros (1994) propôs o conceito de industrialização sem modernização. Sustenta que a intensidade da transformação sectorial do emprego, ainda na fase de abandono da agricultura, não terá sido acompanhada de dinâmicas equiparáveis de inovação social e tecnológica. A industrialização no Noroeste pautou-se por uma geografia difusa e pela prevalência dos ramos assentes em mão-de-obra intensiva e pouco qualificada. O processo de mudança no sector produtivo com estas características terá sido muito mais conservador da matriz de relações e de ritmos de vida prevalentes em épocas anteriores do que noutras regiões do país e do mundo. Conservador da morfologia dispersa do habitat, do fraco investimento juvenil em qualificações escolares e profissionais formais, e da centralidade da esfera doméstica e familiar na vida quotidiana e laboral dos indivíduos.

O domínio da emigração enquanto estratégia de mobilidade geográfica e socioprofissional também pode considerar-se um factor de especificidade regional. Esteve sempre associada a projectos de regresso à origem após um certo nível de poupança, que em muitos casos se destinou apenas à resolução de necessidades básicas (Roque Amaro, 1985). Os

---

<sup>2</sup> Dos quatro países do sul Europeu – Grécia, Espanha, Itália e Portugal – apenas Portugal não se encontrava entre os países com muito baixa fecundidade (lowest-low fertility), definida por valores persistentes abaixo de 1,3 no Índice Sintético de Fecundidade, embora estivesse próximo.

regressos foram bastante numerosos e contribuíram para reequilibrar as estruturas demográficas nos espaços de origem. Reflectiram-se também num reforço de ocupações e modos de vida tradicionais como o campesinato e os pequenos negócios por conta própria no sector dos serviços (Roque Amaro, 1985). A emigração foi uma opção migratória em grande medida independente do sistema urbano regional, e que não favoreceu a emergência precoce de um mercado de trabalho integrador dos espaços rurais e urbanos.

Estes processos de mudança, no seu conjunto, foram muito conservadores das relações entre a população e o espaço. Foram viabilizando a continuidade sócio-demográfica dos diferentes tipos de habitat, quer enquanto espaços residenciais, quer enquanto espaços de trabalho e vida. Ou seja, não estimularam dinâmicas precoces de concentração urbana, nem estiveram associadas ao esvaziamento do meio rural a uma função essencialmente residencial, articulada com deslocamentos pendulares para empregos urbanos. Estes factores levam-nos a pensar que, no Noroeste, o contexto geográfico de socialização e de inserção adulta dos jovens seja ainda um factor relevante de diferenciação dos seus trajectos de vida. E que essa relevância se evidencie em clivagens entre o urbano e o rural, e entre um rural mais próximo e outro mais remoto, dando conta da fragilidade das inter-relações sociais, culturais e económicas entre espaços. Esperamos que as trajectórias juvenis sejam menos “modernas” (ou menos próximas da modernidade tardia) à medida que nos afastamos dos centros urbanos.

## 2. Espaço e juventude no Noroeste português

A região em estudo caracteriza-se, como dissemos, por uma grande heterogeneidade espacial. Ao longo do *continuum* rural-urbano a população continua a ser numerosa e com uma estrutura relativamente jovem. É de salientar, com excepção do concelho de Braga, a expressão quantitativa que o habitat não urbano tinha em 2001 (Quadro 1<sup>3</sup>).

**Quadro 1.** Distribuição da população total e jovem pelo tipo de habitat em 2001

Tipo de freguesia	População Total			População 15-29 anos		
	Rural	Semi-urbana	Urbana	Rural	Semi-urbana	Urbana
Braga	0	7	93	0	7	93
Vila Verde	4	60	36	3	59	37
Ponte de Lima	13	54	33	12	54	33
Terras de Bouro	100	0	0	100	0	0

Fonte: INE, Censos 2001 e INE, Tipologia das áreas urbanas

O dinamismo demográfico das freguesias não urbanas, após décadas de emigração, prende-se seguramente com o efeito combinado de altas taxas de fecundidade num passado próximo com as migrações de retorno de famílias com filhos pequenos. O abandono juvenil das áreas rurais é ainda evidente ao longo das décadas de 80 e 90. Entre os anos 80 e 90 já se detecta, no entanto, uma retracção das áreas mais repulsivas para os territórios mais remotos e uma tendência para a concentração populacional em torno da grande cidade, mas também dos pequenos centros urbanos concelhios (cf. Mapas 1 e 2). A forte intensidade da migração juvenil com calendário precoce, tradicionalmente associada à emigração e migrações rural-urbano por motivos económicos, já quase só persiste nas freguesias montanhosas (cf. Gráfico 1).

Para avaliar a importância dos contextos de proximidade na vida dos indivíduos analisámos as mobilidades quotidianas (cf. Mapas 3 e 4). Neste âmbito constatámos que em 1991 ainda prevalecia em muitas freguesias rurais uma elevada coincidência entre a freguesia da residência e de trabalho e/ou estudo. Essa coincidência é já muito menor em 2001, e a mobilidade quotidiana estende-se já a quase todo o território, excepto em algumas freguesias mais periféricas. Tudo indica que só muito tardiamente as populações rurais expandiram os seus espaços de vida para além dos contextos de proximidade.

<sup>3</sup> Na tipologia do INE são semi-urbanas as freguesias com densidade populacional entre 100 e 500 hab/km<sup>2</sup> e que não incluam um lugar  $\geq 2000$  habitantes. Este critério, na nossa opinião, subestima a “ruralidade” num contexto regional desde sempre caracterizado pela forte densidade populacional.

### 3. Urbanidade, ruralidade e trajectórias vitais dos jovens

Vimos já, pela análise das migrações, que nos espaços mais periféricos se detecta a persistência de um modelo precoce e muito intenso de migração juvenil. Como muitos indivíduos abandonam o habitat de origem muito jovens, o uso de dados transversais como aproximação a um fenómeno longitudinal mostra-se incapaz de dar conta dos seus trajectos biográficos. Mas ainda assim julgámos pertinente o uso deste método como primeira aproximação às comparações espaciais dos trajectos juvenis e de transição para a vida adulta. Começemos pelos trajectos escolares e transição escola- trabalho.

É provável que os indivíduos que abandonam cedo a área de estudo, caso tivessem opções locais de trabalho, se acrescentassem ao grupo de jovens com incorporação laboral precoce após um percurso escolar curto. Com esta ressalva, particularmente relevante para o concelho de Terras de Bouro, podemos concluir por importantes variações rural-urbano no investimento escolar (cf. Quadro 2).

**Quadro 2.** Jovens com actividade principal de estudantes por idade e sexo (%)

Concelho	1981				1991				2001			
	15-19	20-24	25-29	30-34	15-19	20-24	25-29	30-34	15-19	20-24	25-29	30-34
Braga	34	12	1	0	51	19	3	1	74	32	4	1
Vila Verde	13	4	1	0	28	10	1	0	59	16	2	0
Ponte Lima	14	4	0	0	30	8	2	1	56	20	3	0
Terras Bouro	23	6	0	0	39	10	2	0	68	24	5	0
Braga	29	8	1	0	46	16	3	0	66	26	5	1
Vila Verde	12	2	0	0	28	9	1	0	49	11	2	0
Ponte Lima	16	3	0	0	27	6	1	0	52	16	3	0
Terras Bouro	19	4	1	0	32	6	1	0	53	14	2	0

Fonte: INE, RGP 1981 e Censos 1991 e 2001.

O investimento escolar para além da escolaridade obrigatória foi-se generalizando ao longo das duas décadas. Mas é evidente o desfasamento temporal rural-urbano na sua expansão quantitativa. Note-se que não há diferenças significativas entre os três concelhos “rurais” e que uma análise geográfica mais fina<sup>4</sup> (cf. Mapas 5 e 6) permite detectar clivagens entre o habitat semi-rural e o urbano ao nível intra-concelhio. Estes factos parecem demonstrar a equivalência sociológica, nesta região do Noroeste, entre o habitat semi-urbano (denso mas disperso) e o habitat rural.

**Quadro 3.** Jovens mulheres domésticas (Dom\*) e activas na situação de trabalhadoras familiares não remuneradas (TFnR\*\*) por idade (%)

	1981				1991				2001			
	15-19	20-24	25-29	30-34	15-19	20-24	25-29	30-34	15-19	20-24	25-29	30-34
Braga	11	14	19	31	3	4	8	12	1	1	3	5
Vila Verde	26	37	45	53	11	16	30	37	3	7	16	25
Ponte Lima	28	34	45	49	14	21	32	36	4	9	17	26
Terras Bouro	27	43	54	61	20	28	46	50	3	7	18	27
Braga	5	3	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0
Vila Verde	24	17	12	12	9	8	7	6	1	1	1	1
Ponte Lima	57	43	29	23	13	11	12	12	1	1	1	1
Terras Bouro	44	25	28	27	13	7	5	11	1	1	1	3

\* Calculado com base na população feminina total; \*\* Calculado com base na população feminina empregada. Fonte: INE, RGP 1981 e Censos 1991 e 2001.

O desfasamento temporal rural-urbano volta a detectar-se ao nível da situação profissional a que os jovens acedem quando deixam a escola (cf. Quadro 3). A situação de ajuda

<sup>4</sup> Salientamos uma vez mais o potencial efeito de distorção dos dados, nas freguesias mais montanhosas. Seja pela maior intensidade dos fluxos de (e)migração juvenil, seja pelo reduzido volume de população.

familiar aparece ainda com uma expressão quantitativa importante nos concelhos não urbanos em 1981, principalmente entre as raparigas, quando já era quase inexistente em Braga. O peso das ajudas familiares juvenis é um indicador do subdesenvolvimento económico que ainda afectava os espaços rurais nos anos 80. Mas no final do século este fenómeno parece ter desaparecido. Mantêm-se, contudo, as clivagens rural-urbano ao nível da profissionalização das mulheres casadas. A proporção de domésticas é quase nula no concelho mais urbano, mas ainda persiste nos outros concelhos em 2001.

A *desagrarização* dos espaços rurais acompanha cronologicamente o desaparecimento tardio, mas efectivo, destes atributos pré-modernos das trajectórias juvenis (cf. Quadro 4). A enorme diferença entre Braga e os demais concelhos na estrutura sectorial do emprego em 1981, dá lugar a uma semelhança aparente em 2001. Semelhança que veio reduzir substancialmente a especificidade dos trajectos económicos dos jovens rurais, mas que não se traduziu ainda numa equiparação do investimento em qualificações escolares, e que pode esconder outras diferenças menos óbvias.

**Quadro 4.** Distribuição e variação do volume do emprego por sectores actividade

	I (%)	Distribuição sectorial (%)			Variação volume (%)		
		I	II	III	I	II	III
	1981	2001			1981-2001		
Braga	6	1	40	59	29	132	219
Vila Verde	40	7	50	42	22	159	247
Ponte de Lima	55	10	50	40	21	211	241
Terras de Bouro	55	15	33	52	23	124	200

Fonte: INE, RGP 1981 e Censos 2001.

Que se passa ao nível das dinâmicas familiares? Relativamente ao casamento, deparámos com uma grande homogeneidade espacial no ritmo de abandono do estado solteiro (Gráfico 2). Esperávamos detectar um calendário mais tardio no concelho urbano, consistente com as tendências recentes de alongamento da juventude. Essa hipótese confirma-se parcialmente se atendermos às dinâmicas (Gráfico 3). Os dados sugerem que em Braga o casamento está a dar-se cada vez mais tarde, mas partindo de um calendário muito precoce e intenso de nupcialidade. Nos espaços mais rurais parecem estar ainda em curso tendências de universalização do casamento (redução do celibato feminino), sendo o adiamento da nupcialidade muito ténue.

O confronto dos dados concelhios com os padrões geográficos intra-concelhios, evidenciados por mapas, permitiram-nos verificar que também ocorre uma forte coincidência entre o “grau de ruralidade” dos espaços e fenómenos como a precocidade na transição para o primeiro filho, a persistência de níveis de fecundidade elevados e a não universalidade do acesso a uma habitação autónoma para os casais jovens. No âmbito desta comunicação é impossível apresentar todos esses resultados, que esperamos poder vir a tornar públicos ao longo da maturação desta investigação.

### Notas conclusivas

Os resultados obtidos sugerem que os espaços rurais do Noroeste estão ainda numa fase de consolidação do modelo precoce e universal emancipação juvenil, enquanto que na cidade de Braga e nos núcleos urbanos mais pequenos dos outros três concelhos já se detectam as tendências mais típicas da modernidade tardia. São resultados que apoiam a hipótese de que o habitat ainda se associa a diferenciações importantes nas trajectórias e situações de vida dos jovens nesta região. Evidenciam também que, no Noroeste, os processos de mudança seguem as tendências gerais típicas dos países do sul europeu. As diferenças rural-urbano encontradas correspondem a um desfasamento temporal na ocorrência de um mesmo processo de transformação. Não sugerem nenhum tipo de especificidade duradoura inerente ao habitat rural. Ou seja, reflectem inequivocamente atrasos de desenvolvimento e uma grande lentidão nos processos de mudança.

As tendências actuais de adiamento da entrada no mundo do trabalho e no mundo das responsabilidades familiares, associadas a inserções adultas mais favoráveis e mais igualitárias entre géneros, estão a ser protagonizadas pelos contextos mais urbanos. No habitat não urbano, a precocidade e a universalidade da emancipação relativamente à família de origem, ou seja, o acesso menos contingente e menos lento aos recursos económicos necessários à formação de família e à autonomização residencial, parecem ainda prevalecer nas expectativas e percursos tanto dos rapazes como das raparigas.

A análise cartográfica das diferenciações revela que a proximidade a um centro urbano, mesmo que de pequena dimensão, se constitui em factor de aceleração das mudanças. Mas também que esse tipo de efeito se manteve muito circunscrito às periferias rurais mais próximas e a alguns corredores densamente articulados com o meio urbano ao nível das mobilidades quotidianas. Esta debilidade persistente das inter-relações rural-urbano é consistente com o predomínio histórico da emigração enquanto estratégia de mobilidade geográfica e socioprofissional independente do sistema urbano regional, e com a geografia difusa da industrialização e o seu contributo para manter níveis elevados de coincidência entre o lugar de residência e de trabalho.

Olhando para as duas últimas décadas, o ritmo e a profundidade das transformações no Noroeste deve avaliar-se menos negativamente. Deram-se em simultâneo com uma forte pressão demográfica juvenil e com a redução substancial da (e)migração precoce como solução de vida. É possível que a proliferação de pólos urbanos pelo território, a expansão social e geográfica das mobilidades quotidianas e a consistência dos esforços estatais em termos equidade territorial de acesso aos bens e serviços públicos contribuam para dinâmicas mais fortes de integração e convergência espacial no futuro.

## Bibliografia

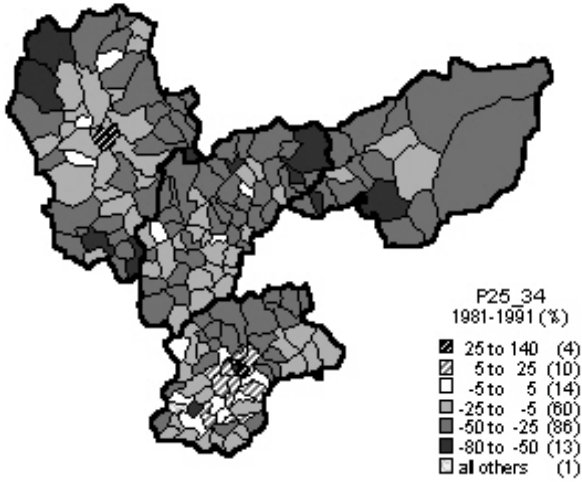
- ALMEIDA, A., GUERREIRO, M.D., LOBO, C., TORRES, A., Wall, K., 1998, Relações familiares: mudança e diversidade, in VIEGAS, J. y COSTA, A., *Portugal, que modernidade?*, Celta Editora, Oeiras: 45-78.
- BAPTISTA, F. O., 1993, *Agricultura, Espaço e Sociedade Rural*, Fora do Texto, Coimbra.
- BECK, U., 1998, *La sociedad del riesgo – hacia una nueva modernidad*, Paidós Ibérica S.A., Barcelona.
- BILLARI, F., WILSON, C., 2001, Convergence towards diversity? Cohort dynamics in the transition to adulthood in contemporary Western Europe, *MPIDR Working Paper*, WP 2001-039.
- DE ZÁRRAGA, J., 1985, *Informe Juventud en España – La inserción de los jóvenes en la sociedad*, Publicaciones de Juventud y Sociedad S.A., Ministerio de la Cultura, Madrid.
- FIGUEIREDO, A., LORGA DA SILVA, C., Ferreira, V., 1999, Jovens em Portugal – análise longitudinal das fontes estatísticas 1960-1997, Celta, Oeiras.
- INE, Recenseamento Geral da População 1981, Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- INE, Censos 1991, Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- INE, Censos 2001 (Resultados Definitivos), Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- BANDEIRA, M. L., 1996, *Demografia e Modernidade – Família e Transição Demográfica em Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
- MEDEIROS, F., 1994, A teoria do dualismo revisitada nos países de industrialização sem modernização, *Análise Social*, XXIX(1º y 2º): 81-119.
- MODELL, J., FURSTENBERG, F., HERSHBERG, T., 1976, Social change and transitions to adulthood in historical perspective, *Journal of Family History*, 1: 7-32.

- KOHLER, H., BILLARI, F., Ortega, J., 2001, Towards a theory of lowest-low fertility, MPIDR WORKING PAPER WP 2001-032, Rostock.
- ROQUE AMARO, R., 1985, Reestruturas demográficas, económicas e socioculturais em curso na sociedade portuguesa: o caso dos emigrantes regressados, *Análise Social*, XXI (3,4 y 5): 605-677.
- ROWLAND, R., 1997, *População, Família e sociedade – Portugal, séculos XIX-XX*, Celta, Oeiras.
- SEDAS NUNES, J., 1998, Perfis Sociais Juvenis, in VILLAVERDE CABRAL, Manuel, MACHADO PAIS, José (coord.), 1998, *Jovens Portugueses de Hoje*, Celta, Oeiras: 1-51.
- VASCONCELOS, P., 1998, Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses, in VILLAVERDE CABRAL, M., MACHADO PAIS, J. (coord.), 1998, *Jovens Portugueses de Hoje*, Celta, Oeiras: 215-305.
- VILLAVERDE CABRAL, M., 1996, Sociedade e Desenvolvimento Económico – uma proposta teórico-metodológica, in Carvalho Ferreira, J., Marques, R., Peixoto, J., Raposo, R. (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Celta, Oeiras: 184-207.
- WALLACE, C., Kovatcheva, S., 1998, *Youth in Society – the construction and deconstruction of youth in East and West Europe*, Macmillan Press Ltd, London.

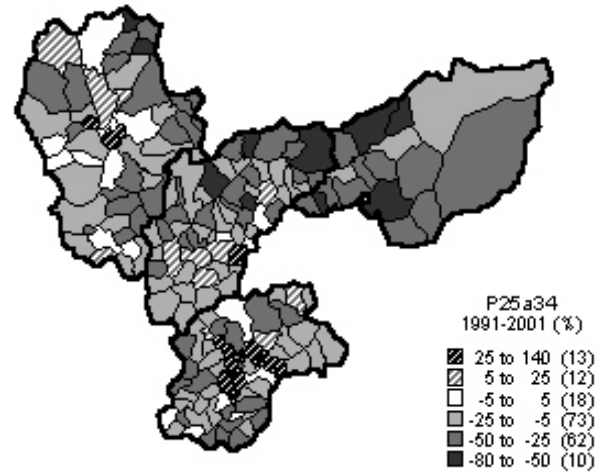


**Anexo 1** - Padrões geográficos de variáveis seleccionadas (INE, RGP 1981, Censos 1991 e 2001; inclui resultados obtidos a partir de dados não publicados).

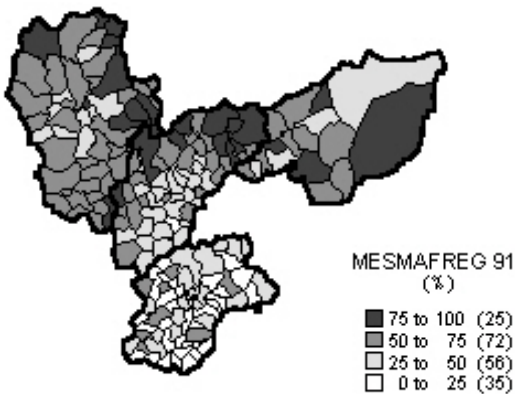
Mapa 1 - Variação 15-24 em 1981 e 25-34 em 1991 -repulsão/ atracção (%)



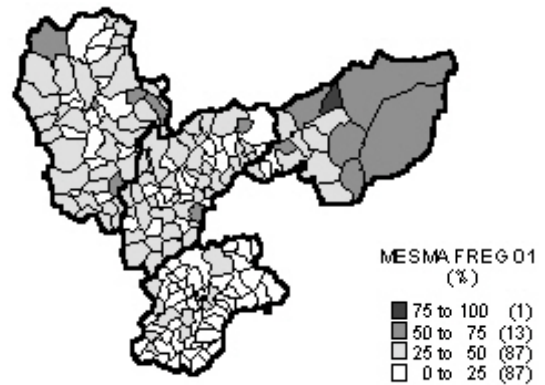
Mapa 2 – Variação jovens 15-24 em 1991 e 25-34 em 2001 – repulsão/ atracção (%)



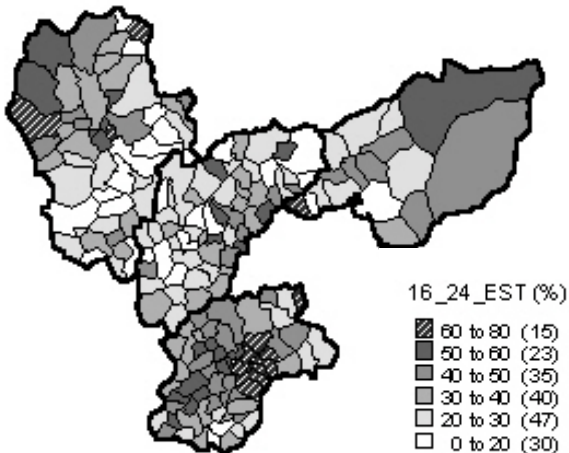
Mapa 3 – População >=15 que trabalha e/ou estuda na freguesia em que reside 1991 (%)



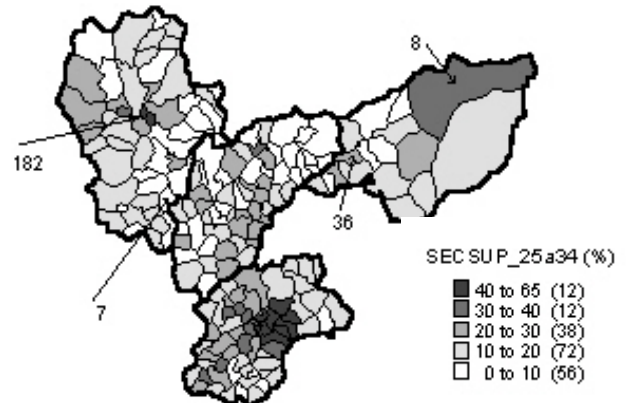
Mapa 4 - População >= 15 que trabalha e/ou estuda na freguesia em que reside 2001 (%)



Mapa 5 – Jovens 16-24 anos a frequentar sistema de ensino em 2001 (%)

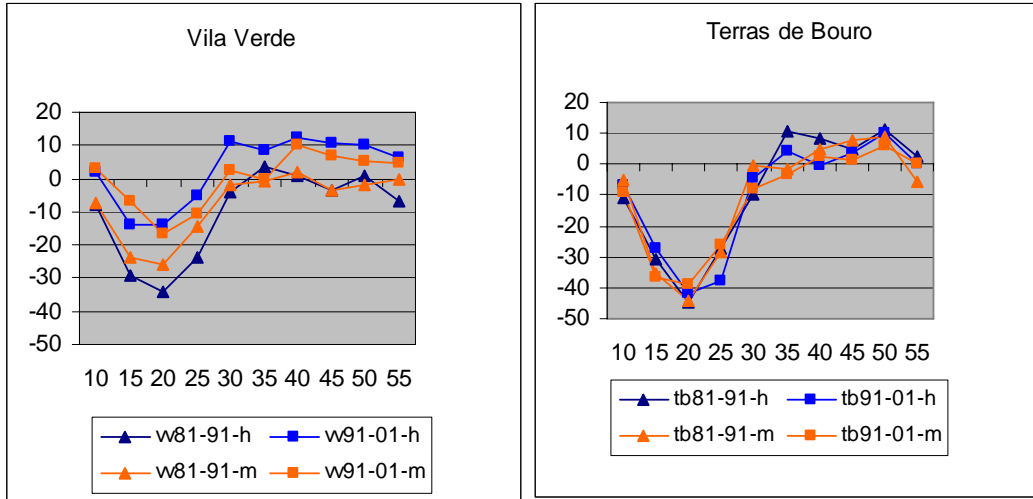


Mapa 6 –Indivíduos 25-34 anos com nível ensino ≥ 12ºano em 2001 (%). Valores absolutos em freguesias seleccionadas



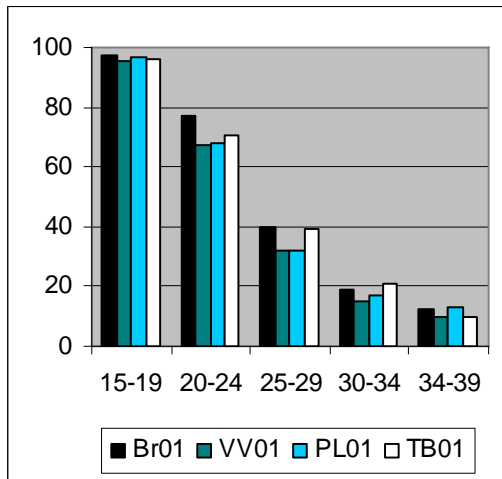
**Anexo 2 - Gráficos**

Gráfico 1. Estimativa dos fluxos migratórios nos concelhos de Vila Verde e Terras de Bouro, por idade e sexo, para as décadas de 80 e 90



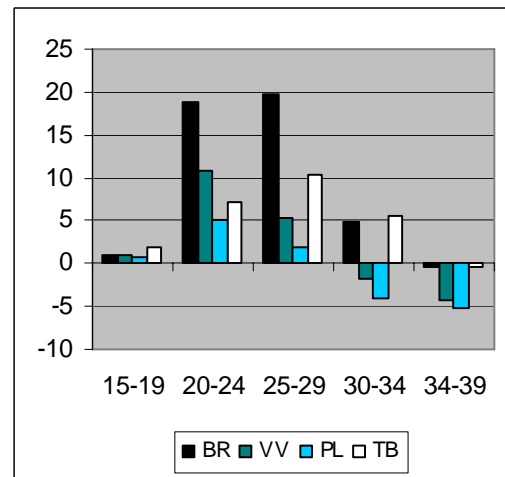
Fonte: INE, RGP 1981 e Censos 1991 e 2001

Gráfico 2. Proporção de mulheres solteiras por grupo etário e concelho em 2001 (%)



Fonte: INE, Censos 2001

Gráfico 3. Variação 1981 e 2001 da proporção de mulheres solteiras por grupo etário e concelho (%)



Fonte: INE, RGP 1981 e Censos 2001